A Pousada do Alamal, da dupla edifícios encaixam-se nos socalcos

A

| Ricardo Carvalho

Tudo começou com uma ponte romana, a Ponte da Ribeira da Venda, em pleno Alto Alentejo. Victor Mestre e Sofia Aleixo foram os arquitectos escolhidos, em concurso, para refletir sobre o destino a dar à ruína. A resposta centra-se essencialmente na questão do "como" intervir na velha ponte, que praticamente até à sua derrocada suportava ainda tráfego automóvel. Os arquitectos recusaram repor a imagem do que terá sido em tempos esta peça romana, recusaram a mimese, e por isso desenharam uma estrutura em aço, apoiada apenas nas extremidades, que se disponibiliza serenamente com um pavimento de madeira, quase sem toque, sobre a ruína. Desta relação com a paisagem do Gavião, longa e paciente como um trabalho de intervenção patrimonial sempre se revela, surgiu o segundo projecto da dupla lisboeta neste concelho: a Pousada do Alamal, uma encomenda do Inatel recentemente inaugurada.

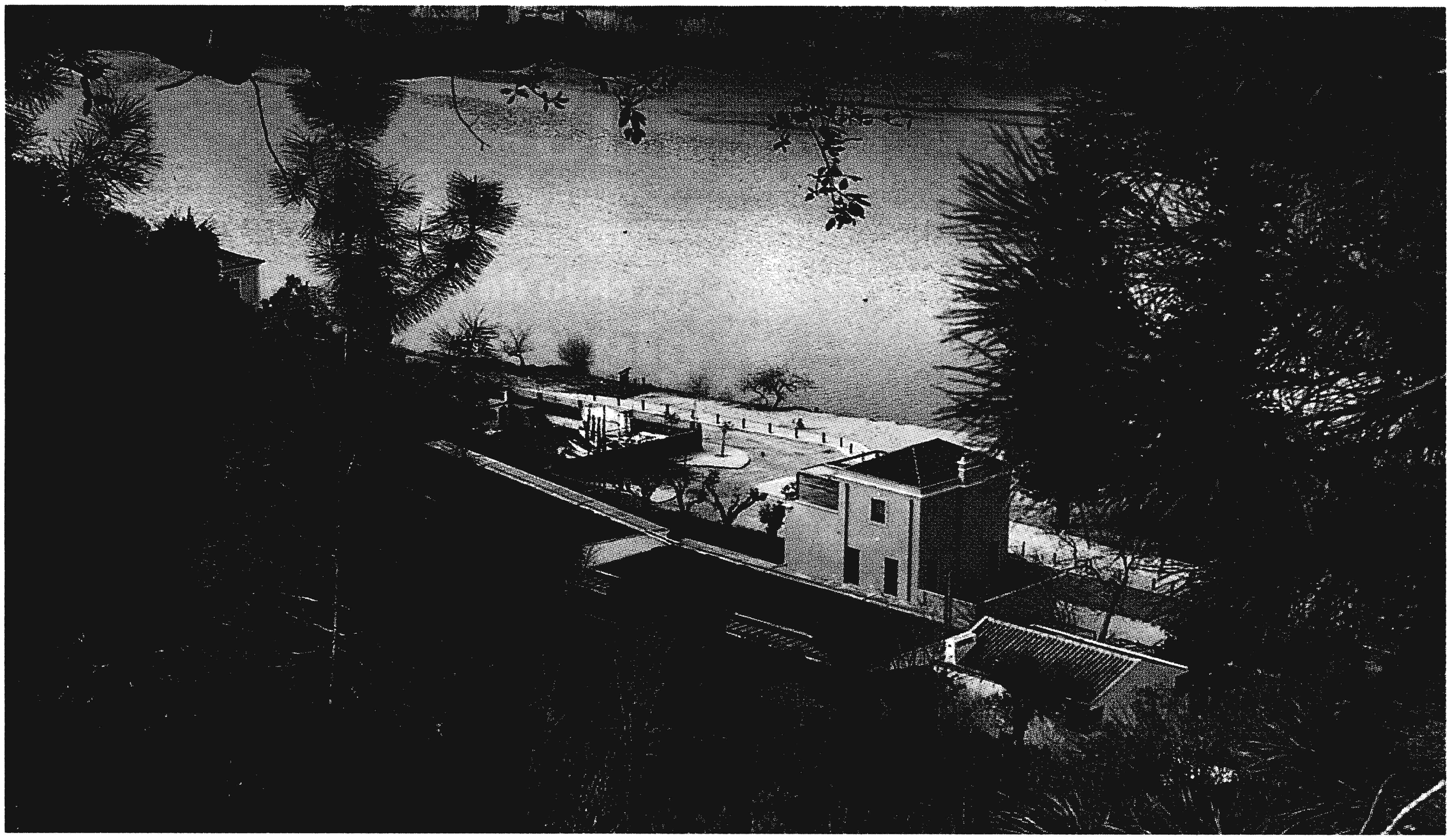
O Alamal possui já algumas características da Beira, na formação rochosa por exemplo, especialmente evidentes no domínio panorâmico da sua praia fluvial sobre o Castelo de Belver do lado norte do Rio Tejo, sob uma serra luxuriante a sul. A encomenda, tal como a Ponte da Venda fruto de um concurso de 1997, consistia na recuperação de duas casas, do lado sul do rio, a "casa mãe", e uma outra chamada "casa popular" e, obrigatoriamente, numa extensão onde a nova pousada se pudesse desenvolver, de modo a obter 22 quartos. Victor Mestre e Sofia Aleixo intuíram que a presença da paisagem era já suficientemente forte e condicionadora para que um novo edifício lhe pudesse, ou quisesse, conferir uma outra dimensão. Caminharam noutro sentido, criando não um, mas dois novos edifícios, idênticos, encostados ao sopé da serra, diminuindo assim o seu impacto volumétrico. Estão implantados no seguimento lógico das estruturas de socalcos que dramatizam a topografia, assumindo-se como um remate provável dos mesmos. A sua cobertura plana, revestida com prado, é especialmente sedutora no momento de chegada à praia fluvial, através de uma descida em curvas sucessivas, onde se vai descobrindo a paisagem, entre a vegetação, e por acréscimo, a própria pousada através da sua cobertura ajardinada. Dá-se assim o acesso, como um processo de descoberta, de cima para baixo, a este conjunto arquitectónico da hospitalidadade.

Uma vez à cota do rio os edifícios não revelam a sua função. São dois pórticos brancos, gestálticos, com grelhas contínuas em madeira, a norte e a sul, de uma unidade formal irrepreensível. Assentes num embasamento de granito amarelo, parcialmente em consola, estão separados por uma escada de acesso. Entre o granito e o reboco branco, existe sombra como que a reforçar a sua separação conceptual. Em cima estão os quartos, em baixo uma sala comum e os arrumos das actividades lúdicas associadas ao rio. O único elemento dissonante relativamente à repetição serialista é a chaminé em aço cromado. É um tubo delgado que confere uma referência de escala ao edifício, e uma estranheza necessária no confronto com a vegetação que o enquadra. De fronte da "casa mãe" torna-se claro que alguns dos elementos abstractos se incorporaram neste pequeno edifício. São eles os caixilhos, as grelhas, os pavimentos que nos indicam a pousada — explorada pelo Inatel — , cuja entrada se processa de costas para o rio.

É um projecto distante do imaginário dos "grandes albergues" urbanos ou de beira de estrada, que competiam em importância com os palácios nas cidades do século XVIII, embora se identificassem pela sua austeridade, que aqui também encontramos. O turismo de elite do Grand Hôtel, cenográfico e grandioso, nascido no século XIX, também não cons-

lisboeta *Victor Mestre* e *Sofia Aleixo*, partiu da presença avassaladora da paisagem do Alto Alentejo. Dois e mostram uma fachada organizada em redor das portadas em madeira. É a sua imagem mais forte.

arquitectura hospitaleira



titui uma referência para esta pousada, embora alguns desses edifícios oitocentistas tenham tido força geradora para criar cidades (e um imaginário) como Bath ou Marienbad. A Pousada do Alamal, na sucessão lógica das primeiras estruturas deste tipo lançadas no Estado Novo no início dos anos 40, primeiro como edifícios de raiz depois apropriando-se de monumentos sob a tutela da DGEMN (Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais), é uma depuração ideológica e arquitectónica da longa história da hospitalidade na arquitectura. Conceitos como habitar, património e turismo evoluíram rapidamente e a arquitectura, no processo crítico que lhe está inerente, encontrou novas formas expressivas e tipológicas para o problema. Talvez a referência maior deste projecto — tal como a obra pioneira, o Convento/Pousada de Stª Marinha, em Guimarães, de Fernando Távora — seja aquela da motivação modernista para encontrar o tipo ideal de habitação colectiva: algures entre a abstracção programática da "Cidade Refúgio" e da "Unidade de Habitação". Trata-se de não recusar um manancial de investigação espacial que atravessou todo o século XX, que reflete a tensão entre a célula habitativa — individual — e o espaço colectivo de encontro e partilha, génese de todos os edifícios deste tipo.

Victor Mestre e Sofia Aleixo recorrem a uma economia de meios tipológica, a uma abstracção regradora para valorizar este programa culturalmente. A sua expressão serial — encontramos aqui o rigor poético de Josef Albers, alguns aspectos espaciais da arquitectura portuguesa na diáspora, relacionados com a transição interior-exterior, e também a arquitectura (popular) dos palheiros — confere de imediato uma mais valia à arquitectura local — diríamos cultura local. Um universalismo capaz de incorporar aquilo que é de facto (ainda) irrepetível: o lugar.

Todas estas questões são transportadas ao interior, na passagem da "casa mãe" para os novos edifícios, através de um "cordão" em vidro que acede ao embasamento em granito, contentor da sala comum. É a passagem para uma arquitectura que está já, e ainda bem, consciente de si, ao contrário das estruturas préexistentes, cuja implantação e materialidade revelam alguma arbitrariedade. Os quartos disponibilizam-se entre dois espaços de transição, rematados pelas grelhas de madeira. A sul o corredor distributivo em pente, onde penetra o vento e a luz sofre variações (também) seriais. A norte, com domínio visual sobre o rio, encontram-se as varandas individuais de cada quarto. No interior encontramos a mesma redução expressiva do exterior, que associa materiais locais, como a tijoleira, à sofisticação dos caixilhos em aço. E isto serve também para a "casa popular", que com este tratamento se autonomiza enquanto objecto arquitectónico. O mobiliário e a tapeçaria foram concebidos propositadamente pelos autores para equiparem estes espaços prolongando a perspectiva do acolhimento ao mínimo detalhe, sem contudo o desenho se manifestar definitivo. Torna-se numa espécie de inevitabilidade, mas permite que aconteçam coisas — que seja habitado diferentemente, diferenciadamente.

Consciente do desempenho que pode vir a ter na comunidade onde se insere, o projecto de Victor Mestre e Sofia Aleixo indica não um receituário estilístico, mas uma forma de abordar espaço, materialidade e programa, recorrendo a uma racionalidade inequívoca. Mas na Pousada do Alamal encontramos ainda outra carga — imponderável — única e irrepetível, domínio da arquitectura, que é porventura a sua maior dimensão cultural. T. S. Eliot, nas "Notas para uma Definição de Cultura" afirmava: "qualquer revivência da cultural local, que deixasse intacta a estrutura económica e política pouco mais seria do que um antiquarismo mantido artificialmente. O que se pretende não é restaurar, ou fazer reviver, sob condições modernas que a tornam impossível uma cultura em vias de desaparecimento, mas desenvolver uma cultura contemporânea de raízes antigas". Esta está agora impregnada no Alamal. •